

Berlim (Comédia da Procura Perdida)

IV. Os livros e as prostitutas gostam de voltar as costas quando se expõem.

Walter Benjamin



F 42



F 43



F 44



F 45

Berlim

17 de maio de 2007

Voltar a Berlim. Desta vez de avião: vendo que a cidade, transformada após a queda do Muro, a racionalização da cidade, a imposição vencedora, que não se propõe esmagadora. Não há obsessão por arranha-céus, tal o World Trade Center ou um gigante de Hong Kong ou Cingapura. Berlim continua plana e verde. Somente a herança dos prédios altos e pobres, tais os de Copacabana de fase não muito boa. A herança da arquitetura Moderna do comunismo é muito feia. O táxi segue e a sensação da queda do Muro não aparece.

A localização do apartamento do Anestis Azas, que trabalha com teatro, fica na Wiener Straße 20, praticamente ao lado do Maddonna, o bar de que tanto falei no *Beijo na poeira*, não podia ser mais perfeito para um remember. Na frente, a piscina pública. Maddonna escuro e vazio. Mais decadente. Não há grandes mudanças em Kreuzberg.

O apartamento de Azas é grande, sólido, solidário. Ele foi para Grécia, visitar seus pais e o aluguei: o Timo me ajudou no contrato com seu amigo. 300 euros um mês. Claro, é Kreuzberg e seus antigos problemas: tem de alcançar seis lances de escada para dar de cara com a porta. Tudo de madeira antiga para durar. Os degraus são grandes e meu corpo, fora de forma, levando minhas tralhas, parece que poderia ser derrotado pela escada, se não visse em cada andar surpresas de berlinenses alternativos. Quando não estou mais agüentando, sem ter a certeza de que meu lugar é o do andar de cima, paro e olho para um par de sapatos usados de enfeite na porta de um apartamento. Propriamente mágico. Dou uma respirada. Tenho a certeza de que é a última parada. A que me fará chegar e abrir a porta maciça. Quem são os pais tão doces que colocaram na porta de casa tal par de talismã de lã?



F 46

A melancolia da Alemanha educada está presente. Os bárbaros não fazem parte deste universo. É aqui que ficarei lendo e escrevendo numa Berlim pós-punk. Mas mal entro e olho a cama confortável no chão, a cozinha com uma TV que não funciona, o telefone que não sei como ligar, uma máquina banho, que menos ainda sei usar, colocada na cozinha ampla que também é sala de estar, de almoçar, de olhar a janela de ver. Vista ou TV. A vista funciona. Lindo inesquecível verde musgo de Berlim. O verde mais escuro do que o do Brasil e da Mata Atlântica se aproxima da força amazônica mas tem o tempo do norte da Europa. Com a particularidade de ser bem diferente do verde inglês. Oh lets gone talk about garden. Começo a me perguntar quem me ajudará a ver a nova cidade. De que me serve esta vinda a Berlim? Algo me diz, neste segundo, que o redondo do mundo são voltas que trazem e levam idéias e culturas de países para encontros ou para rodopios. Sem destino e/ou com destino certo. Bem pós-pós, arrepiante dança de anos recentes. Se for para ter uma rota pessoal, bom é caminhar sem rumo como propõe Walter Benjamin.



F 47



F 48



F 49

Fui dar uma volta no quarteirão, entrei em um cyber café de propriedade de turcos enriquecidos. Trouxe uma surpresa agradável. Lá, uma supersaudável alemã de rosas no rosto me oferece, porque pergunto se é bom, um pequeno pacote de biscoitos naturais. Nada estranho, só lembranças de antes da queda do Muro. Ela sorri, escrevo um e-mail para meu amigo poeta Timo Berger dizendo que achei a chave e que estou bem e que amanhã nos vemos e, quando estou entrando no pátio interno do prédio um antigo freak recuperado, com uma cara de ex-freak já não drogado me pergunta como já perguntei para poetas: Você toca baixo?, estou formando uma banda e necessito de um baixista. Acho graça e começo a entender a relação entre Kreuzberg e o CEP. Sorrio dizendo que se fosse músico seria meu instrumento e vou me preparando para subir a escada e descansar vendo os sapatinhos talismãs.

18 de maio

Ser subdesenvolvido não é condição e isto Darcy mostrava. Ser subdesenvolvido e sem potência é decisão. Uma tribo indígena isolada é desenvolvida, apesar do pequeno aparato tecnológico. O deslumbre mais conservadorismo político, que é não olhar de normal/igual, mas olhar para admirar o tempo todo, sem o lirismo do borderline, pelo segundo olhar ou pelo terceiro, via televisão e outras mídias e maximizar a lisonja admirado, fazendo a troca e a liga fake, é o subdesenvolvimento. Kreuzberg não mudou. E nem por isto me parece mal. Tinha

medo de um pior. Confirmou o porquê do meu retorno ao Brasil em 89, mesmo para além da campanha do Brizola. Era desejo Brasil gerador de uma vida mais colorida, diferente das cores de cá, too much dark, mine fraud. Porém essas essências de diferentes coloridos, os anos me fizeram esquecer e agora retornam. Aprendi olhando. Esqueci. Confirmo. Uma das importantes fontes geradoras do CEP 20.000 foi Kreuzberg antes da queda do Muro de Berlim em 1989. Meus oito meses zonzado serviram para Algos – irmão de Hepifania. Andar por Wiener Straße ou outra rua mais charme e simpatia. Hoje continuei recebendo olhares de alemães alegres. Não esqueci a moça de ontem. Sabem que estou olhando para um mundo que não é o meu, mas que não sou nem um típico turista, nem morador estrangeiro. E se fosse estrangeiro? Olho com simpatia as pequenas lojas de rua de Kreuzberg. Alegria gera alegria.

FALANDO NISTO...

Os turcos – aqui se fala com benevolência de gerações de alemães, turcos, nascidos na Alemanha, com direitos políticos desiguais, como nos países em que a cidadania vem por ligação sangüínea. Algo incompreensível se passando num país de base multirracial/multicultural democrático. Os turcos estão mais prósperos e, mesmo não desejando um intercâmbio cultural mais afetivo, estão mais fortes e portanto assimilados e assimiladores. Nos restaurantes baratos, um suco enorme de laranja com cenoura, carne do tipo turco, um assadão sendo fatiado na hora, em camadas finas, com batata frita molhada, e muita salada e húmus dá para matar laricas afobadas e serve ao bom gourmet too-to. Tudo por 5 euros, uns 12 reais. É bom demais!

Os 300 euros do apartamento, o euro a 2,70 reais inclui água, luz e taxas. Se soubesse ligar o telefone, também não pagaria. Tudo na de brother alternativo. Já penso em achar alguém para esquentar o cafofo. O tempo está agradável, maio gostoso, azul, mas um frio que serve para usar duas camisas e um cachecol para sair nas noites que começam depois das dez. Aí que escurece e a lua e Vênus mandam piscadelas. Mas se você fosse morar aqui com aluguel por ano, tu descolava um quarto por 100 euros. Cerveja no bar de rua 2,5 euros. Aí que moram os gastos. Bom para os que não bebem cerveja. Coca-cola light grande no supermercado 0,79 euros e o mais absurdo para os irresponsáveis do Brasil: veja, seu gerente do Metrô: um bilhete válido para toda a semana, quanto quiser, fim de semana vinte e quatro horas, sai a 25 euros. O Brasil, muito mais pobre, a cada bilhete de uma ida, quase um euro. Se for por mês, em Berlim, é ainda mais barato. Na Argentina, custa três vezes menos que no Brasil. No Rio de Janeiro, o metrô é eficiente, curto e caro. Seus otários. Os que deixam rolar monopólio e quem nos usam sem protestar. Caro mesmo só a piscina aquecida aqui na frente do prédio: 4 euros por hora e mais um para guardar os pertences. claro nadar é bom e eu gosto mas acabo pagando todo dia pra tomar banho quente pois a máquina chuveiro na cozinha do Azis, além de não saber como funciona, é tão apertado como uma transada num fusquinha nos anos 70. O que era apertado?

Procure no dicionário, o pau dos mulos, ôpa desculpem-me!, o pai dos burros. Brasil; a multidão que não se manifesta politicamente em coletivo. Prefere votar no BBB e comprar jornal quando uma desgraça de morte infantil comove os corações culpados. Em que situação você mataria seu filho? Aqui, olhando como melhorou a cidade, sem excessos, como alardeavam no Brasil, entendo que fazer política é mais importante que ter ficado na Alemanha para ter, naquela época, um namorado gay.

O SOL DE MAIO ESTÁ LINDO E CAMINHO PELA PRIMEIRA VEZ A TRAVESSIA A PÉ PELO RIO QUE SEPARAVA NESTA PARTE AS DUAS ALEMANHAS

ALE MANHA HÁ

Chorei ao cruzar a ponte de Oberbaumbrücke. A ponte antiga de gosto duvidoso, impressionante, entretanto, marrom com tijolos aparentes e cheia de curvas que remetem ao gótico alemão tardio, é horrorosa, mas é, agora, minha **Ponte da Liberdade**. Poder andar de Kruzerberg para Friedrichshain olhando tudo que é belo. Pontos cools da cidade e sentir felicidade no peito, pois o Muro de Berlim era uma aberração. Eu sou mais feliz neste momento e choro choro choro como num filme ou às vezes como com um livro, com uma notícia, com um jardim, pois tantos perderam tantas vidas e foi necessário um Muro e tantos continuam a morrer e outros Muros são erguidos e nada disto, em teoria, é necessário. A liberdade é azul e verde. Escrevo para compartilhar raciocínio.



19 de Maio



F 51

O apartamento da Cristina (Canale) é bem perto do meu. Estou na Wiener Straße e ela na Oranien Straße. É só seguir reto. Dei uma passada para saber do qual é das plásticas na cidade e para vê-la. Sua filha é uma graça, fala bem português e a possibilidade de conversar com uma brasileira com código de pensamento comum me ajuda a entender como está Berlim. Fico olhando para o gato da filha, que depois descubro que é um gato de brinquedo. Os gatos de brinquedo, de uma nova pelúcia, são impressionantes. Durante um tempo parecem verdadeiros. A Julia Ckseko fez com um amigo uma performance no MAC Niterói, em que o ator, seu amigo, falava de um bicho híbrido que me parecia um gato vivo. O performer não chamava o gato de gato chamava-o de bicho híbrido e um pequeno de 9 anos parecia acreditar nas suas explicações muito sérias sobre tal fenômeno da natureza. Na verdade, um gato como o da filha da Cristina Canale. Ao mesmo tempo Dora, filha única, está na idade de querer um bicho vivo, mas quem é que vai tomar conta do bicho e não tem bicho e ela brinca com seu bicho de vida virtual. De maquininha de brinquedo que recebe ordens: – Toma banho, vá se vestir, hora de dormir, etc... e a máquina faz barulhinhos de vozes diferentes de gatos. O que me aflige. Continuo preferindo os bichos. Os que não dão trabalho, como o Pato e a Pata. São melhores que cágados e tartarugas. Também sinto falta das falas literárias, as fábulas ou histórias de bichos contadas pelas mães. Belas mães de noite, garantem belas manhãs. Cristina, que está em ótima fase com sua pintura, um figurativo inteligente e suave, teve a sabedoria de pôr sua filha numa escola bilíngüe. Ali, ela convive com gente de três continentes ou quatro, falando português. As culturas se aproximam pela língua e não mais pela dominação colonial ou a dominação subserviente à moda antiga: costumes das elites. Cristina também é direta: – não vou lhe dar o cachorro. Quem vai cuidar do cachorro quando a gente viajar para o Brasil? Sugeri que a Cristina dividisse um cachorro de uma amiga no Rio e seria o cachorro da pequena Dora e ela mandaria fotos e cartas para o cachorro e a amiga da Cristina, poderia ser a mãe, responderia com fotos e pequenos au aus em português. Assim Dora teria um cachorro longe, mas teria o cachorro. Ou não teria? Penso que esta proposta de metodologia envolve uma virtualidade sem pequenos computadores. Gosto dos bichos aflitivos realistas de brinquedo. A virtualidade libertadora é a do desejo e do pensamento criativo. Quem me dá um gato? Um gato híbrido viado?, pergunta um assanhado. Virtual na mão?, insiste Felipe, por exemplo, não é um gato viado, é muito mais um gato cachorro. A questão do(a)s bichos virtuais me encuca.



F 52

20 de maio

Foi ontem, mas conto hoje. Passeava pela enésima vez pela Wiener Straße, pensando como é legal estar num apartamento de um berlinense que tem o pôster do grupo Oficina, na apresentação de Berlim d'os Sertões. Euclides no céu e Zé na Terra, como é preciso ser preciso, para adaptações como esta ou como o próprio Zé com *Rei da Vela, Hamlet e Boca de Ouro*. José Celso Martinez Corrêa é capaz de adaptar os maiores textos em tão boas escritas de teatro. No momento, junto com Oscar Niemayer, Paulo Coelho, os MPBs, artistas plásticos e Lula, é o grande representante da cultura nacional. Ando afastado do teatro, mas José Celso traz nos *Sertões* até mesmo o que de melhor temos nas artes plásticas condensado em humanos e panos. Principalmente na segunda parte de *O Homem*. Ia pensando e passei por um cilindro enorme de três metros de altura e um de diâmetro, colocados pela cidade, em que se divulgam cartazes dos acontecimentos. Em 1989 era nos grandes latões de lixo, que dava pra se ver o que estava acontecendo. Informações no lixo é a boa. No Rio de Janeiro as lixeiras de plástico laranja das ruas, um pouco maiores com espaço livre de divulgação. Vou encher cada poste da área com cartazes xerocados do CEP. CEP no lixo é a boa. Xerox de capas de livro no lixo é a boa. A briga vai esquentar com a Mãe Diná que promete a pessoa amada em três dias. Que sejam ambos. O costume do anunciar livre nos deixa livres. O Rio, tão tacanho e privatista, nas políticas públicas, poderia ceder esses espaços com a bela originalidade do lixo. Incluo aí todos os novos escritores, faladores, tocadores, dançantes, oradores etc... Vinha pensando, quando um jovem belo muito belo me perguntou: – vc sabe onde se compra maconha por aqui? – Fiquei espantado, achei que era racismo, o branquela perguntar para mim, moreno, provavelmente vestido de forma extravagante, e falei: pergunte no Madonna ou em outro bar para um cara da sua terra. Ele riu e eu ri, falei, vou te seguir, ele respondeu e vi que não era alemão: mais um francês na minha vida. Ó maleditos. E não demorou muito e apareceu um alemão, querendo da brenfa too to e aí entendi que estava na frente do parque que vende maconha, e o trio formado entrou parque a dentro. Lá constatei que a maioria dos vendedores são jovens turcos ou de origem da África Negra, e me aceitei em ambas as caras/cores. Já sabendo do racismo francês, e de certa questão de lógica, deixei pra lá a visão estereotipada do meu novo amigo anjo gaulês. Todo anjo é terrível. Ele não era direitista trabalhava em um estúdio de música com a alegria nômade dos jovens que podem morar e trabalhar em qualquer dos países da comunidade européia em Berlim ou Londres; mais alguns meses, ele irá para a Grécia e depois quem sabe, raves em Lisboa. Algo que podemos fazer na América Latina e depois na África e depois... Mas não gostei de François, me pareceu vulgar, o que ele negou veementemente, e comecei a chamá-lo de Felipe. Felipe é provinciano, foi apenas uma vez a Paris, tem 20 anos, bochechas vermelhas, uma leve tendência para os franceses de futuro rechonchudo. Simpático e levemente conservador. Defensor da comida do interior francês, Felipe tem dificuldade de leitura, pois foi criança hiper-ativa e talvez com déficit de atenção, a especialista lhe disse que quando perdesse a concentração, em qualquer lugar, tirasse as bolas coloridas de malabares e as jogasse até se concentrar. Ele anda para todos os lugares com elas, suas amigas coloridas. Ele fala muito, com corporeidade latina. O alemão, Thomas, apenas olha. Já fomos ao parque e, no apartamento, tiramos fotos e todas

as traqualadas normais: – vc se daria bem no Rio, no posto 9 em Ipanema, com estes malabares e sua hiper-atividade . Não falei beleza, mas ele notou. Os olhos brilharam como brilham os de todo francês belo, nesta idade, brilham: como um abajur turquesa ou os faróis Batmóvel turquesa. Os olhos de Thomas eram azuis tristes, como os de Marcos no *Beijo na poeira*. Trocamos e-mails e juras de amizade para sempre como em qualquer cidade do planeta. François ou Felipe, enquanto jogava suas bolinhas coloridas – eram quatro – não parava de conversar, agora um pouco mais devagar. De repente parou, pois eu não conseguia entender o que estava me dizendo sobre o seu aprendizado de matemática: ao invés de $2 + 2 = 4$ ele desenhava duas casinhas mais duas casinhas, o que para ele era uma demonstração de sua incapacidade para matemática. Daí de tanto desenhar casinhas, passou para o cartoon, ele desenha razoavelmente bem, não com a paciência do André Brito – e depois para o caminho de técnico de som, bem prático, para poder morar onde bem quiser: Por que Berlim e não Paris? Porque é bem mais barato. Eu tinha entendido que ele conseguia fazer 44 casinhas vezes 44 casinhas rapidamente, sei lá de que maneira, e lá vinha um condomínio ou o antigo conjunto residencial. Loucuras do tio Zarvoleta. Culpa, too to, de Felipe falar jogando bolinhas e de seu péssimo inglês. Já imaginava ter descoberto mais um eugênio neste mundo cheio deles. Thomas disse que tinha de ir embora pois havia combinado com seu amigo do sul da Alemanha em sua casa e que se quiséssemos estávamos convidados. Já era perto das dez e o dia se despedia.



F 53



F 54

Não vou falar muito do Thomas. Quem quiser mais descrições de alemães que leia o *Beijo na Poeira*. Ele mora em Neukölln, onde também mora meu amigo poeta Timo Berger. É um bairro com muitos moradores turcos. Não é um bairro rico. Entrei no seu apartamento, logo escureceu e ele, rindo, ligou as luzes da sala e tudo ficou em luz negra e ele queria ainda que ficássemos com uns óculos de 3D, pretensamente para aumentar a psicodelia. Porém não era necessário: os quadros pintados por sua namorada, Zaíde, que atualmente viajava pelo México, um pouco naifs, porém bonitos, com quantidade de tinta de volume expressionista, naturalmente se realçavam com a luz negra. Os óculos 3D feitos de papel celofane machucavam meu nariz e atrapalhavam tudo. Os dois grandes posters de op art correspondiam com a luz negra muito bem também. Lembrei do Holli. Agora um Holli mais avançado na lógica das artes plásticas. Zaíde tinha seu atelier num quarto ao lado. Ele não fazia nada, de trabalho, se estivesse interessado em falar. Ele vive. Já não é uma boa? Seu amigo simpático, que estava lá quando chegamos, look punk do sul da Alemanha, na onda queer, ou ondas parecidas tem um jeito fantasia. Perguntei se tinham outros como ele na pequena cidade onde vive. Gehard apenas riu. Naquele ambiente psicodélico nos abraçamos como se

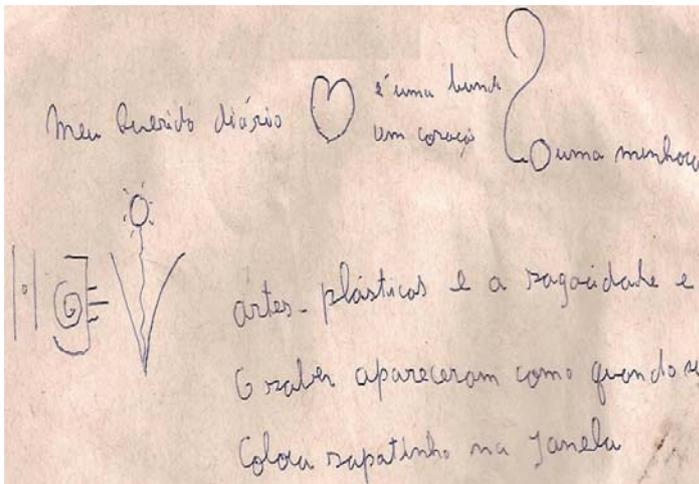
tivéssemos tomado ecstasy. François-Felipe me olhou com os olhos brilhantes, não de mínimo desejo, mas de sedução francesa. Achei graça de tudo, mas como meu sobrinho Daniel falou, sou ótimo nas duas ou três primeiras horas de bebida, depois péssimo. Daí, sabendo disto, e que nem iria rolar parada de amizade mais forte com o Felipe, pois o tinha convidado para conhecer um pub das antigas e ele falou que ficaria ali, saí soltando alegria, mesmo com desapontamento sobre o François, pois havia descoberto o que necessitava para a tese: Kreuzberg mudou, mas não virou um local de alto consumo. A mudança é lenta e positiva. Não havia mais o que fazer em Kreuzberg ou Neukölln. Eles ficaram soltando fumaça, por canudinho, como um jogo erótico, de boca para boca trocando porções de fumacinha de fim de adolescência. Felipe safado, entendia o erótico da parada. O alemão, que propôs, não sei. Parece-me que era mais para sádico. Algo largado sádico. O imobilizador. O ilusionista sem consciência. Havia tomado cerveja e vinho na casa de Thomas, saí ainda desejoso, na voracidade dos solitários, parei num pub típico de Berlim, numa esquina qualquer não muito distante. Lá dentro dois ex-contraculturais, agora entediados senhores de cabelos grisalhos e roupas pretas e uma senhora bêbada que foi puxando conversa, puxando conversa e só no outro dia percebi que havia trocado de casaco com alguém no bar. Deixado o que comprei no Brasil, de temperatura mediana, próprio para maio de Berlim e trazido um grosso, de inverno. Por achar que o casaco podia valer mais que o meu e que eu dera prejuízo para um dos ex-contraculturais aborrecidos, andei de bar em bar na região tentando achar o Pub dos alternativos entediados e da bela doida. No fim, liguei para Timo que mora lá e para o Thomas. Nada. Timo resolveu da melhor forma: – Este casaco não vale nada. Pode ter sido que o alemão tenha pedido para trocar o casaco e você achou legal. Coisa de amizade de doídões. – O senso de humor não tão característico de um alemão como o Timo, alemão aberto para a melancolia, me solucionou o drama ético. Achei razoável o presente que dei ou que recebi, numa provável troca inclusive de brindes. O que ganhei, se não serve aqui em maio, que fique para algum inverno. Possivelmente em Bariloche. Ou no verão da Patagônia. Uma resistente roupa para pingüins.

22 e maio.

Hoje é sábado, passei por Schöneberg, bastante mudado e sem bom gosto; é território de bares gays sem graça. À noite de meia idade está ampla e sem graça. A da garotada, é sempre garotada, alegre, saudável, um pouco saudável demais. Algo sem graça para um dionisíaco. Pode ser bom. Healthy: - Quase uma Suécia - , exagera o beberrão. Prefiro a Lapa. Por outro lado, hoje sábado, foi um dia lazarento. Não bebi e tive quer ficar ouvindo os porcos, porcos, porcos, uns porcos alemães parrudos, parecendo os red necks do sul dos EUA, em sua juventude abobalhada e cruel, só que menos agressivos e pragmáticos que seus pares norte-americanos. Tais germânicos mostram sua fragilidade de gigantes sem pensamento e brutamontes quebrando garrafas nas calçadas e batendo cabeças. Não agridem os em volta, apenas ocupam espaço e gritam agitados, com ecos do tenebroso passado da ascensão de Hitler. Dezenas de porcos, bichos soltos pela cidade e pelo metrô. Descobri: hoje foi final de qualquer jogo de futebol. Possivelmente um campeonato. Agora entendo gente com cara de ver futebol até

no Madonna. Até Kreuzberg fica menos fleumática em dia de final de futebol. A noite está sendo horrorosa. Vou dormir. Sou um rapaz de bem.

23 de maio



F 55

Havia uma retrospectiva no Hamburger Bahnhof do Joseph Beuys, com a mistura de trabalhos magníficos e outros datados: por exemplo, pendurar um sobretudo que parece um uniforme de guerra, provavelmente nazista, numa parede, um anti-parangolé que o artista chama de terno, um possível traje por ele usado na Segunda Guerra já não tem o impacto de referências cada vez mais longínquas da Segunda Guerra... De certa forma andando por essa Alemanha pós-queda do Muro, pacífica, faz com que a sensação de estarmos no país da agressão nazista pareça um pesadelo que se esquece ao abrir os olhos pela manhã. Daqui a quantos anos estes crimes da Alemanha serão vistos como mais um genocídio como vários outros imensissimamente cruéis? Divago... Isto não tira a grandeza do Beuys, mas me faz imaginar a temporalidade de uma obra de arte. Ter a consciência da liberdade total e do efêmero. De outra forma esta exposição solidifica o monumental. Recordo-me da Documenta de Kassel, em 87, logo após sua morte e a monumentalidade de suas instalações e um culto quase místico a Beuys, me deixaram levemente desgostoso. O vazio alemão do pós-guerra vai se apagando mas está presente. Nos EUA o assassinato de milhões no Vietnam ou no Iraque traz um bando de maluquinho a falar alto nas esquinas, purgações pessoais, mas não há o vazio do sentimento de culpa mais amplo no cidadão da América do Norte. A saúde pragmática das certezas da Nação e a quantidade de humanos frágeis, loucos falando pelas ruas, vidas despedaçadas sem necessidade na demência dos EUA. Em outra sala uma retrospectiva do Anselm Kiefer, misturando a fase dos anos 80, quadros que nunca me fizeram a mente, com estruturas cenográficas onde, por exemplo, se vê uma biblioteca de livros gigantes de metal, um penetrável, evocando o enredo de uma biblioteca que sobra de uma catástrofe, que perdura em decomposição metálica, durável. Entretanto estes penetráveis não tem a gentileza de um trabalho do Hélio Oiticica. De qualquer forma, Kiefer mistura a inteligência plástica com a monumentalidade maravilhosa. Realmente nem sei se a curadoria tinha a idéia de uma mostra de arte em conversa com cenografia, tudo está escrito em alemão, que não compreendo, mas me detenho imaginando o fim de um espetáculo de teatro, o monólogo sem ator, o

trabalho de Stephan Von Heune, com seu Der Mam Von Jüterlos, que é uma máquina/corpo, da cintura para baixo, um sapateador, com uma bateria automática do lado e uma caixa de som com música e texto. Fiquei pensando num espetáculo itinerante sem ator, mesmo numa praça pública. Como atores que se transformam em estátuas, pintados, nas performances de rua, agora a obra se transformando em atores feitos de material numa mostra de rua. Com o instigante Huene, o belo trabalho de Mathilde Tiers Huene, “Ne Me Quitte Pas”: uma reprodução de uma mulher em tamanho natural, perfeita com o gato de Dora, que vista de primeira, no espaço sombreado parece uma performance com uma mulher estátua viva. Este trabalho do ano 2000 traz ao fundo a música de Edith Piaf e o trabalho de luz rege a ilusão de movimentos mínimos da mulher transbordando de melancolia quando se vê frente à tristeza invocada pela música e mesmo pela roupa retrô da boneca/atriz. Vou saindo da exposição e me lembrando de dois artistas que venho acompanhando faz tanto tempo e que estão com trabalhos correspondentes nesta mostra. O primeiro é o Aimberê Cesar: o seu zen-nudismo, que tem origem nos anos 80, onde corpo, nudez, improviso e relaxamento produzem um efeito mais forte do que o vídeo Brontosaurus, do Sam Taylor-Wood, que é apenas um homem com seus movimentos e sons que remete ao ideal de um homem das cavernas. Aimberê, pelo contrário, traz um saber do homem para além do racionalismo, mantendo a história da contracultura presente. É o homem racional que não se despe, já está despido, que não demonstra, que está e essencialmente está: aí sua força. Outro artista é o fotógrafo Odir Almeida, que mais esconde do que mostra seus trabalhos, constituído de fotos, para muitos abjetas, de corpos de mulheres em cirurgias plásticas. A cor puxada para o marrom ou roxo, os ângulos fotografados pelo artista transformam partes dos corpos e de suturas, em um trabalho não figurativo. São fortes e têm seus correspondentes aqui na exposição. No entanto aqui no Museum Für Gegenwart, o principal museu de arte contemporânea de Berlim, os trabalhos com o abjeto não tem sutileza. Querem chamar atenção apenas pela repugnância. Conto uma exposição sem contextualizá-la. Tá tudo no a(A)lemão, mermão. O museu que não existia em 89, está situado no lado em que era Berlim Oriental. Na área de áudio-visual, está sendo projetado o filme, “History of the main complaint”, 1996, Willian Kentridge. Um velho poderoso esta em coma moribundo engolido pela morte, e vai-se recuperando até que volta a ser o homem de todos os mandos. É, fechou, estou cansado, vou subir o escadão do Azas. Os sapatinhos me darão força. Andei hoje como se tivesse trinta anos.



F 56



F 57

Sehr geehrter Prof. Roehrig,

ich erlaube mir, Ihnen zu schreiben, nachdem mir Prof. Erni Seibel Ihren Namen mitteilte.

Mein Name ist Guilherme Zervoz, ich bin 31 Jahre alt, habe das Studium der Oekonomie abgeschlossen an der Kath. Universität von Rio de Janeiro (PUC) und bin zur Zeit an der Arbeit meiner These zum Abschluss der Fach "Politische Wissenschaft" an der Staatlichen Universität von Rio de Janeiro.

Das Thema meiner These ist die Analyse eines Teils des Werkes von Prof. Darcy Ribeiro (siehe Anhang) unter dem Titel "Antropologie der Zivilisation", wo der Autor die ungleiche Entwicklung von der Nationen untersucht, mittels drei Perspektiven:

- Die Analyse auf lange Sicht, d.h., die Entwicklung der sozial-kulturellen Formationen der letzten 15.000 Jahre, "der zivilisatorische Prozess".

- Mittelfristige Analyse, d.h., das Studium der historischen und ethnischen Form der amerikanischen Nationen, - "The Americas and the Civilization".

25 de maio

Acordo tranqüilo. Ontem, domingo fui ao X39, um lugar na Oranien Straße que na maioria dos dias tem shows de música pesada mas que no domingo abre para uma noite GLS insólita: Uns 50 pares, principalmente de homens, dançam, rodopiam sorridentes com os pescoços rígidos de olhos nos olhos para não perder os movimentos, dança de salão com música suave e muita luz, como num palco de um cabaré. A postura feliz e concentrada, procurando o bem dançar dos casais lembra a Alemanha de Weimar. Dá para ver que todos fazem aulas, e vêm praticar, como num ringue de patinação no gelo. Exuberantes são os rodopios. Muito suaves, elegantes, contrastando com os hábitos mais contidos, interiorizados, do alemão educado ou da selvageria tosca dos teutônicos das fanáticas torcidas de futebol. Dei uma nadada, o parque está vazio e vou para o café com telefone e computadores. Abro o e-mail e um susto! Vitor Paiva manda um "o que fazemos?". O Sergio Porto pegou fogo! Quase engoli a manhã pelo estômago. Não sei o seu telefone. Minha preocupação é se morreu gente. Por um segundo me lembro do fogo na boate de shows argentina, com mais de uma centena de mortos, (até este acidente os loucos portenhos tinham o hábito de jogar morteiros durante os shows). Bem argentino. Neste dia aconteceu a tragédia quando um morteiro acertou um lugar inflamável do teto. Me lembro que o Sergio Porto tinha sempre a saída de emergência interrompida. Eu, como organizador

anti-social, dava gritos até que liberassem a saída de emergência. Algo como um criador de casos, sabe? Tenho pouquíssimos telefones do Rio comigo, o jornal da internet não diz nada e escrevo para Vitor, histérico pedindo detalhes, se aconteceu alguma coisa, que merda, e tenho que esperar o Vitor me confirmar o que houve, se não é uma maluquice dele, sei lá! Acho que vou ter um troço! Calma Zarvoleta, Zarvoleta calma, vou seguir o que tinha de fazer nesta manhã. Quando se está longe, toda notícia é amplificada. Você está cercado por gente que não te compreenderá se puxar assunto. Sigo meu table time, já que na segunda os museus estão fechados e ligo para a embaixada para deixar um livro na biblioteca e saber se eles aconselham sobre a possibilidade de tradução na Alemanha para a literatura brasileira. Conversar, colher dados para o doutorado. Não estou de férias ou de curiosidade de animação. Flano, porém, com algum método. O dia está do capeta, outro desencontro: telefonei para a embaixada, a Cristina Canale tinha me dito que havia um adido cultural recém-empossado, mas que parecia ser na boa. Faço questão, agora ainda mais, em chegar nos lugares de importância cultural e saber o que significa cultura para as embaixadas. Questão para tese de doutorado. Depois que se admitiu que a embaixada deve ser além de uma representação do Estado e principalmente do Poder Executivo, um local para representação e impulso comercial, inclusive de bens simbólicos, do país, procuro o adido cultural ou algum outro trabalhador para saber qual é, como está, o que se faz, o mínimo que uma representação deveria saber sobre os caminhos da cultura e do saber num país. Mas a miséria em relação à cultura é total e um senhor de Sá, deve ser parente do Araribóia, ou do seu coleguinha Estácio - fez questão de dizer-se carioca, deve ser por isto, titio Está(cio)(nada) de Sá falou que mal conhecia Berlim e me passou para, alguém, que desesperado por eu estar querendo saber alguma coisa numa segunda-feira e além disto querer passar lá na embaixada para deixar um livro na biblioteca que deveria estar aberta ao público. Escuta a voz de uma alemã que leva tudo a sério e me fale quase em loud voice que não tem mais biblioteca aberta ao público, que os livros estão num porão que o Instituto Cultural foi desativado. Pobre Brasil ainda dos de Sá e seus leves e adocicados perfumes e sua seborréia no couro cabeludo. Ainda séria, disse-me para eu procurar um professor, renomado na Universidade Livre, que traduziu escritores brasileiros, lembrando-me que ele era um homem muito ocupado, e fui ficando fulo da vida, no jogo do empurra-empurra de uma representação que tem adido cultural para os poderosos. Desavergonhado de Sá! E olhe que a política internacional está muito melhor com o Celso Amorim. Deveria era ter um órgão regulador no Itamaraty que visasse valorizar a cultura. E não colocar adidos que pelo telefone – fala Sinhô – não pareçam odiar pequenos mascateiros da cultura. Por exemplo um poeta ou o DJ Abaxaqui. Vou saber quando voltar. Os EUA agora estão representando menos de 20% de nosso comércio internacional and I hope logo chegue aos 10% ou 15%. Não é gorjeta de garçom não, é um número bom de troca-troca com os mui amigos do Norte. Viva o etanol e o biodiesel! Viva a África e Glauber Rocha!



Mas não adianta esquentar muito a cabeça, tempo haverá tempo haverá. Saí e fui na direção da biblioteca do Ibero – Amerikanisches Institut, pois o Timo havia me falado para passar lá: uma surpresa, uma bela surpresa. Dentro da principal biblioteca de Berlim, o anexo grande, maior do que eu poderia supor, a biblioteca ibero americana. Lá dentro, fora a segurança, que segurança é chato em qualquer lugar, só pessoas educadas e encorajadoras e uma tecnologia de acesso a informações moderníssima. Falei que queria doar uns livros. Aqueles que eu queria doar para a biblioteca da embaixada do Brasil, que está no porão: além de alguns livros meus, Rod Britto, Paulo Fichtner e Márcio-André (os que eu tinha mais de um em casa): além de material do CEP20000. A moça que me atendeu agradeceu muito e falou: -mas vamos ver se tem algum livro seu - fiquei meio sem graça que por eu achava que não tinha, mas como o acesso era tão bonito, ela se ofereceu para me ajudar a acessar: fui eu. E a surpresa grande de ver dois títulos meus na telinha. Claro que fiquei muito contente, mas a raiva que sinto da estrutura do Itamaraty, se iguala em relação ao Brasil não ter ótimas bibliotecas como a Alemanha ou os EUA sobre culturas do mundo inteiro. Vou descansar lá no parque, porque o dia está muito azul, e um dos motivos que vim para Berlim, em maio, já tempo de sol quente, foi para ver como andava o Parque



Vitória e a areia grama para o belo exercício da nudez: desacompanhados ou em grupos, **família**. Fui para Görlitzer Park lá da Wiener Straße para ver como é que tava. Cheio como um final de praia no 9 em maio: quer dizer, não estava craudiado. Eram 5 da tarde de uma segunda feira e parecia que era hora do sol mais forte. O sol afligia a pele, os olhos e as retinas. Finalmente um dia de praia verde e de nudistas. Mas qual, ali pelo menos, não sei no Vitória, o leve exercício da nudez foi abolido. Mas tinha de tudo. Muita gente bebendo vinho ruge, gente de cabelo colorido, magros, o típico moderno, legal, um pouco neo-liberal que sobra neste mundo cheio de pardal eletrônico nas ruas e câmeras para vigiar nas avenidas. Essa turma era mais punk em 89, os alternativos e os jogadores, antes era peteca, agora é frisbe. Cachorros calmos, um bar tocando rock e a tarde indo embora e eu já querendo ir para Praga tomorrow. Eu te conheço, Berlin.

